

O “materialismo da chuva” de Althusser. Um Léxico

Vittorio Morfino¹

A publicação de *L'avenir dure longtemps*, a autobiografia de Althusser escrita em 1985 teve, certamente, o mérito de romper com a cortina de silêncio baixada sobre o nome do autor depois do homicídio de sua mulher. Ao mesmo tempo, chamou a atenção sobre seu caso em sentido médico e literário, dando lugar a um certo número de interpretações, mais ou menos refinadas, nas quais filosofia e vida foram colocadas em curto circuito sem se levar em conta as necessárias e complexas mediações desta operação teórica.

O “caso Althusser”, o homicida que retoma a palavra depois da sua inimizabilidade, obscureceu todos os outros aspectos da produção althusseriana ou, no melhor dos casos, centrifugou-os na questão autobiográfica. Existem textos, todavia, escritos entre 1982 e 1985, nos quais Althusser retoma a palavra como filósofo, que merecem ser tomados em consideração; trata-se de “Sobre o pensamento marxista” de 1982, de “A Corrente soterrânea do materialismo do encontro”, também de 1982 e de “A única tradição materialista” de 1985, este último escrito originalmente em continuidade à autobiografia e depois deixado de lado.

Nestes textos, Althusser desenha uma tradição materialista que atravessa a tradição Ocidental e que se opõe tanto ao idealismo quanto ao materialismo tradicional: Epicuro e Lucrecio e a teoria do *clinamen* entendida não como fundação da liberdade humana mas como expressão de uma necessidade aleatória; a teorização política de

1 Professor da Universidade de Milão (Itália).

Maquiavel como entrelaçamento da virtude e fortuna e do selvagem e do humano; a concepção materialista do estado de natureza em Hobbes e a sua concepção da liberdade como “ausência de obstáculos ao movimento”; o pensamento de Espinosa como destruição da teologia e da metafísica tradicional através de uma estratégia filosófica que Althusser compara com a teoria da guerrilha de Mao, pensamento “paradoxalmente” entendido como portador do vazio como objeto, no sentido que desempenha o vazio de todos os conceitos da metafísica, da gnosiologia, da moral e da política tradicional; o nascimento aleatório da sociedade no segundo Discurso de Rousseau, no qual vem mostrado com extrema radicalidade como toda sociedade se funda no abismo do encontro, que pode não ter lugar, ser apenas tocado levemente, ser breve ou duradouro mas, de qualquer modo, provisório; a gênese aleatória do modo de produção capitalista em Marx em oposição a uma teoria teleológica do modo de produção onde seus elementos a precedem; o *es gibt* heideggeriano; o *Fallen* wittgensteiniano.

Desejando tomar os últimos textos althusserianos em sua complexidade (ainda que eles resistam em sua singularidade a uma operação deste gênero) e deixando à parte o confronto entre a interpretação de Marx antes e depois dos anos 1980 (coisa que por si só mereceria uma análise detalhada), pode-se notar a presença de alguns temas que denotam uma forte continuidade com a sua obra dos anos 1960:

- 1) O conceito de processo sem objeto e portanto, a negação de toda forma, interna e externa, de teleologia;
- 2) O primado da relação sobre os elementos relacionados;
- 3) O anti-humanismo teórico;
- 4) A afirmação que a filosofia não tem objeto;
- 5) A definição da estrutura da metafísica segundo o esquema Origem-Sujeito-Objeto-Verdade-Fim-Fundamento.

Naturalmente, são notados os elementos de descontinuidade, sobretudo no estilo que é impressionístico, às vezes autobiográfico, aqui e acolá narrativo (Engels que conhece de perto a classe operária caminhando pela noite de Manchester pelas mãos de Mary Burns). As referências aos textos são feitas de memória, algumas vezes destorcidas ou simplesmente inventadas; de certo modo não há nestes textos a sistemática e o rigor de seus “capolavori” *Ler O Capital* e *A Favor de Marx*, nos quais Althusser, prodigioso leitor dos textos marxianos, fez emergir um novo conceitual. Nos textos aos quais nos referimos, Althusser se rende à memória dos textos conforme a sua vontade.

Em todos os casos, um grande mérito de seus últimos textos parece ser aquele de ter trazido ao centro da reflexão filosófica aquilo que estava à margem nos escritos

dos anos 1960 ou, melhor, aquilo que tinha sido deslocado para fora do debate desencadeado sobre os temas da relação Ciência-Ideologia e o afastamento da obra de Marx. Esta retomada ocorre através do uso contínuo de uma nova constelação de termos. Para melhor colocar em evidência esta variação de acentos, ao invés de seguir Althusser na sua reconstrução do pensamento de Marx, Espinosa, Maquiavel e da corrente subterrânea, perseguindo a linearidade de seu texto, preferi construir um léxico, buscando colher as oscilações de alguns conceitos-chave, dependendo do contexto nos quais aparecem e dos autores que surgem através deles. Tratam-se dos conceitos de:

- 1) Vazio/Nada;
- 2) Encontro;
- 3) Fato/*Faktum*/Factual/Fatalidade;
- 4) Conjuntura/Conjunção;
- 5) Necessidade/Contingência.

Uma observação deve ser feita sobre a escolha dos conceitos acima. Não levei em consideração o termo “aleatório” precisamente porque o seu significado emergirá do entrelaçamento de relações entre estes termos: *alea*, como salienta Negri, é a palavra nova através da qual anuncia-se uma nova filosofia²; é necessário não se fascinar pelo que a palavra por si exercita, para penetrar na estrutura conceitual que a sustenta.

1) Analisemos como funciona o conceito de vazio. Esse assume significados diferentes segundo os contextos histórico-filosóficos nos quais age, através dos quais surge o prisma dos autores da assim chamada corrente subterrânea. São reconhecidos principalmente estes 4:

a) O vazio compreendido como negação dos princípios que levam o pensamento a imaginar o objeto, melhor que a pensar aquilo que Machiavelli definiria a *verità effettuale*. Este vazio não é um ponto de partida mas de chegada e é ligado a uma ação precisa: trata-se, através da consciência, de “fazer o vazio”, mas um vazio que não é absoluto, é uma “negação determinada”. É o vazio da metafísica, da gnoseologia, da moral e da religião, que aprisionam o real com os laços da imaginação, que o atravessam, mistificando-o. É um fazer vazio que torna visível, aquele ser para além do bem e do mal no qual a ação humana pode inserir-se segundo a lógica do “se ..., então...”. O

2 A. Negri, “Pour Althusser. Notes sur l'évolution de la pensée du dernier Althusser”. In: AA.VV., *Sur Althusser. Passages*, “Futur antérieur”, 1993, p. 83.

sentido deste 'fazer o vazio' é muito próximo daquela desconstrução derridiana, não uma simples destruição da tradição, mas uma tentativa de construir conceitualmente com instrumentos que não sejam aqueles da tradição.

b) O vazio entendido como aquilo que permite colher a "verità effettuale", aquilo que é, não como alguma coisa que devia ser, mas como aquilo que afunda as suas raízes no abismo. O vazio é a ausência radical de Deus, de toda garantia de estabilidade para o ser: é o elemento que permite colher a *verità effettuale* não a *parte post*, em sua existência constituída, mas a *parte ante*, na flutuação dos elementos que lhe deram lugar, mas que, em virtude da flutuação, podia não ter lugar.

c) O vazio entendido como possibilidade de movimento, como conjuntura favorável, como ausência de obstáculos para a ação, vazio no qual reside o conceito materialista de liberdade: segundo a definição hobbesiana, "ausência de obstáculos ao movimento".

d) Enfim, o vazio como distância, como lugar a partir do qual é possível traçar uma linha que permita dominar o ataque das forças: a metáfora maquiaveliana da raposa encarna a possibilidade de criar a distância vazia necessária a instituição de um poder que dure.

2) Partamos para o conceito de encontro. Este funciona em estreita correlação com o conceito de vazio e de nada, um não pode ser pensado sem o outro sob pena de se trocar a natureza de ambos. O conceito de encontro recebe uma complexa articulação no interior dos autores do materialismo aleatório. Tentemos fixar os pontos fundamentais:

a) Os encontros podem ser breves ou duráveis. O encontro durável é aquele nos qual os elementos se realizam e, todavia, o fato que isto dure não é garantia que o fato durará sempre: todo encontro é provisório (o que vale obviamente para aqueles breves, mas também para aqueles que duram). Mas não só: todo encontro repousa sobre o abismo, isto é, metáfora sobre o fato que podia não ter lugar.

b) Todo encontro é fruto de uma série de encontros precedentes cada um dos quais teve lugar mas podia não ter tido.

c) O encontro depende da afinidade dos elementos que se encontram, no sentido que os elementos, não contendo nada daquilo que serão depois do encontro e são todavia *affinissables*: não que já afins *a priori*, mas afins em dadas condições aleatórias (no sentido que todo elemento é por sua vez resultado de um encontro); afins assim, mas *a posteriori*, e por isto, com um olhar retrospectivo sobre a origem, *affinissables*. A consequência necessária deste limite do encontro é que "nem tudo produz alguma coisa".

c) Enfim, uma vez que o encontro se concretizou, se dá o primado da estrutura sobre os elementos.

Os conceitos de encontro e vazio, pensados em estreita interdependência, conduzem, segundo Althusser, a determinar o primado do nada sobre a forma e do materialismo aleatório sobre todo formalismo, isto é, sobre toda forma de combinatória estruturalista entre dados elementos. Toda forma é o resultado de um tríplice abismo:

- 1) O de poder não ter ocorrido;
- 2) O de poder ser breve;
- 3) O de poder não ocorrer mais.

A filosofia, na qual a essência, segundo o Espinosa de Althusser, seria o vazio, não é mais que constatação do encontro.

3) Constatação do encontro ou do *fato*, outro termo fundamental do materialismo aleatório. A filosofia é assim “enunciar o fato despido de toda adição externa”, como queria o velho Engels. Todavia, também o conceito de fato em Althusser não é unívoco, mas é usado segundo duas matrizes de significado, diferentes segundo o contexto teórico no qual intervém:

a) Num primeiro sentido, o fato é jogado contra toda temática jurídica ou dialética, seja cada forma de teleologia latente ou manifesta.

b) Todavia, depois de ser jogado em senso anti-metafísico, o fato corre o risco de se tornar ele próprio uma hipóstase. Para se desviar deste perigo, Althusser afunda o fato na mais radical contingência, através da filosofia de Epicuro. Entretanto, utiliza Epicuro muito particularmente. Althusser opõe uma lógica do fato realizado, a uma lógica do fato a se realizar. Somente desta maneira é possível colher a dupla provisoriidade do fato:

- 1) Podia não ocorrer;
- 2) Poderá não ocorrer mais.

Isto abre, no campo histórico, uma teoria materialista da lei entendida não em senso físico, mas como invariante repetitiva ou constante. Para usar a terminologia própria a Marx, trata-se de leis tendenciais. “Em cada encruzilhada, a tendência pode tomar uma via imprevisível, *aleatória*”³. É sobre esta concepção que se funda o método maquiaveliano, aquele que pensa segundo o silogismo estóico ‘se ..., então...’.

4) Abordemos o conceito de conjuntura. Este é, nos escritos althusserianos dos

- - - - -

3 L. Althusser, *Filosofia y marxismo*. Entrevista realizada por F. Navarro. México, Siglo veintiuno, 1988, p. 36.

anos 80, o outro nome da “facticità”: esta representa as condições materiais dentro das quais se deve pensar e agir. Entre outros autores, Althusser destaca que as grandes metáforas da conjuntura são o clima em Montesquieu e a fortuna em Maquiavel. Existem conjunturas políticas, ideológicas, filosóficas: a conjuntura é o fato do mundo que se apresenta diante da prática, que é possível sempre e somente nos interstícios deste fato. E, todavia, a conjuntura não é dominada por uma estrutura transcendental; essa conjuntura é a junção dos elementos, encontro que repousa no abismo do não haver lugar e do não haver mais lugar, no qual uma determinada forma preside casualmente a ela.

5) Enfim, chegamos ao uso que Althusser faz da dupla conceitual necessidade-contingência. Num primeiro lance, parecem estar em contradição. No texto sobre Marx, Althusser opõe a necessidade dos fatos positivos à dialética. A necessidade é usada contra a teleologia imanente à dialética. No escrito sobre materialismo do encontro, diversamente, a necessidade é identificada à teleologia e a ela é contraposta a contingência; no definir a natureza da corrente subterrânea, Althusser escreve: “Para simplificar as coisas para o momento: *um materialismo do encontro*, assim do aleatório e da contingência, que se opõe, como um pensamento totalmente diverso aos diferentes materialismos codificados, incluído no materialismo comumente atribuído a Marx, a Engels, a Lenin que, como todo materialismo da tradição racionalista, é um materialismo da necessidade e da teleologia, isto é, uma forma transformada e mascarada de idealismo”⁴.

Acreditamos estar agora aptos a compreender a enigmática expressão althusseriana, a necessidade da contingência, chave não somente do último Althusser mas também daquele precedente. A necessidade da contingência não é a necessidade que a contingência tem, não é a necessidade que atravessa a contingência, mas a necessidade que a contingência é. “Vale dizer, no lugar de pensar a contingência como modalidade ou exceção da necessidade, preciso é pensar a necessidade como o devenir necessário do encontro de contingências”⁵.

* * *

4 L. Althusser. *Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre*. In: *Ecrits philosophiques et politiques*, édité par F. Matheron, vol. I, Paris, Stock/Imec, 1994, p. 554. Em português: “A corrente subterrânea do materialismo do encontro”, tradução de Mônica G. Zoppi Fontana com a colaboração de Luziano Pereira Mendes de Lima, *Crítica Marxista*, no 20, Rio de Janeiro, Revan, primeiro semestre de 2005.

5 *Idem*, p. 581.



O modo episódico, não sistemático e às vezes não rigoroso pelo qual Althusser apresenta o seu “materialismo do encontro” pode, a meu ver, facilmente induzir a entendimentos contraditórios. Já foi dito que nestes escritos estão presentes uma forma de romantismo filosófico, irracionalismo ou ainda um materialismo da liberdade. Acredito que a construção de um léxico, ao invés de se analisar o autor em seu corte da tradição ocidental, possa ser de alguma valia para que se mostre a trama sistemática onde ela parece estar ausente, o rigor onde este, inversamente, toma a forma de narração aparentemente livre, cancelando assim a ênfase retórica sobre aqueles conceitos que são tomados fora de sua função teórica, tornando-se completamente desviantes (um entre todos, o mais potente do ponto de vista retórico, aquele de Vazio e Nada). Evitarei a tentação de colocar uma etiqueta, classificatória ou polêmica que seja, à filosofia althusseriana do encontro, da chuva, do aleatório: exercício supérfluo, uma vez determinados o significado e a função de seus termos chave.